



# Apocalipse:

autoria, advento e a  
identificação da besta

Paulo Neto

# **Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta**

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Data publicação: 18/01/2019

PUBLICAÇÃO:

**EVOC - Editora Virtual O Consolador**

Rua Senador Souza Naves, 2245 - CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

[www.oconsolador.com](http://www.oconsolador.com)

Londrina - Estado do Paraná

## Dados internacionais de catalogação na publicação

	Paulo Neto.
p3 55 a	Apocalipse : autoria, advento e a identificação da besta / Paulo da Silva Neto Sobrinho; revisão de Astolfo Olegário de Oliveira Filho. - Londrina, (PR) : EVOC, 2018. 84 p.
	Capa: <a href="http://4.bp.blogspot.com/-RbHQlnONeek/T9PPYs_MYVI/AAAAAAAAAgs/GpS8FAkYHtU/s1600/apostolo_joao_em_patmos.jpg">http://4.bp.blogspot.com/-RbHQlnONeek/T9PPYs_MYVI/AAAAAAAAAgs/GpS8FAkYHtU/s1600/apostolo_joao_em_patmos.jpg</a>
	1. Cristianismo. 2. Bíblia-crítica e interpretação. 3. Evangelho-estudo e ensino. I. Silva Neto Sobrinho, Paulo. II. Oliveira Filho, Astolfo Olegário. III. Título.
	CDD133.9013 19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

# Apocalipse:

## autoria, advento e a identificação da besta

“[...] a força retórica de um argumento jamais deve ser confundida com as realidades práticas que comprometem sua lógica [...]” (BART D. EHRMAN, *Evangelhos Perdidos*)

“[...] os Espíritos superiores querem que o nosso julgamento se aperfeiçoe em discernir o verdadeiro do falso, o que é racional daquilo que é ilógico.” (KARDEC, RE 1862)

“[O Espiritismo] [...] é uma doutrina liberal, emancipadora da inteligência, inimiga da fé cega, que vem proclamar a liberdade de consciência e o livre-exame como base essencial de toda crença séria. [...]” (KARDEC, RE 1868)

**Paulo Neto**

## Índice

Prefácio.....	6
Introdução .....	9
O que a crítica bíblica teria a dizer .....	12
Do que trata o gênero literário apocalíptico? .....	24
Autoria do Apocalipse .....	45
Identificação da Besta: a quem se refere o número 666? .....	60
Conclusão .....	75
Referências bibliográficas .....	82

## Prefácio

Ao ser convidado a prefaciá-la esta obra, antes mesmo de começar a lê-la refleti bastante no significado da palavra “Apocalipse”. Tendo estudado em colégios batistas e católicos na minha infância e tendo conhecido o Espiritismo na juventude eu já tinha uma ideia preconcebida do tema em questão. Sim, mas para mim não era suficiente só minha concepção sobre o assunto, eu precisava saber o que será que a população em geral acha que significa esse termo Apocalipse. De qual sentimento as pessoas são tomadas ao ouvir essa palavra?

Para responder minha indagação comecei a fazer essas mesmas perguntas às pessoas ao meu redor. Jovens, adultos e idosos. Fiz questão de conversar com pessoas de todos os credos e também com agnósticos. O resultado dessa pequena pesquisa foi uma grande “revelação” para mim. A vasta maioria dos entrevistados me respondeu que Apocalipse “é o final do mundo”, “o final dos tempos”, “a volta de Jesus”.

Naquele momento não me preocupei mais com a origem etimológica do termo Apocalipse. Nem ao menos com o que diziam Aurélio, Michaelis e Houaiss me importei. Minha preocupação era com o medo que a maioria das pessoas apresentava todas as vezes que eu dizia que estava fazendo uma pesquisa sobre o termo

“Apocalipse”.

Envolto nesse estado de espírito comecei minha leitura desse livro que agora você também inicia a leitura. Posso te adiantar que essa obra quebrará muitos paradigmas e conceitos incompletos que todos temos. A verdade dói, mas ao conhecê-la e estudá-la estamos no caminho da libertação. É fato que para a maioria de nós de formação cristã, sejamos católicos, evangélicos, ou espiritualistas os livros que compõe a Bíblia sempre foram considerados como livros sagrados e fomos ensinados desde tenra idade a respeitá-los e aceitá-los sem discussão.

Mas paremos um minuto para pensarmos. Todas as vertentes cristãs possuem seus teólogos, estudiosos e grupos de estudos bíblico, certo? Então é hora de nós também respeitadamente, analisarmos os textos bíblicos com análise crítica.

Essa obra que tens em mão (ou na frente de uma tela) se propõe exatamente a isso. Vamos juntos navegar nesses mares de conhecimento.

Paulo Neto, o autor, não se coloca como “capitão da embarcação” e sim como um “marinheiro” como todos nós desbravando juntos esse oceano. Ele nos apresenta um trabalho fruto de extensa pesquisa, fato esse comprovado pelas centenas de citações retiradas de

dezenas de referências bibliográficas enumeradas no final do livro.

Grandes mistérios sobre o Apocalipse se descortinarão sobre seus olhos durante a leitura desse livro.

- Será que o Apocalipse foi escrito para a geração de Jesus ou para nossa geração atual?

- O Apocalipse foi escrito por João Evangelista ou talvez por outro personagem bíblico, ou quiçá por alguém desconhecido?

- E a famigerada besta do Apocalipse, quem será ela: Nero, Roma, Vigário Geral, Teitan?

- E o assustador número 666, o que será que significa isso?

Todas essas respostas e muitas outras serão brilhantemente respondidas nessa obra. Continuemos todos em busca da verdade, do conhecimento e trilhando juntos o caminho que Jesus nos mostrou.

Felipe Lúcio da Silva Neto

## Introdução

Já faz algum tempo, cerca de uns dez anos ou mais, que temos feito sérios questionamentos se, de fato, o livro Apocalipse atribuído a João Evangelista contém previsões de coisas a se realizarem num futuro longínquo.

Isso acontecia sempre que, por algum motivo, líamos os textos dos versículos do Apocalipse 1,3 e 22,10 (não por mera coincidência, estão localizados, exatamente, no início e no fim da obra), nos quais se lê a afirmação de que “o tempo está próximo”. Destaca-se ainda o teor do penúltimo versículo (Apocalipse 22,20), onde é dito: “Sim, Eu venho em breve!”, o que só aumentava nossas dúvidas.

Ademais, logo de início no capítulo 1, nos versículos 1 e 2, é dito: “*Revelação de Jesus Cristo: Deus Iha concedeu para que mostrasse aos seus servos **as coisas que devem acontecer muito em breve.** [...].*” (grifo nosso) Ora, já se passaram quase dois mil anos e nada catastrófico aconteceu nesse “muito em breve” que viesse a provocar o “fim do mundo”, como se pensa tratar o que nele é revelado.

Como mantemos o hábito da leitura, acabamos por encontrar algo num livro que muito nos incentivou a fazer esse pequeno estudo. Trata-se de **O Problema com**

**Deus**, no qual o exegeta Bart D. Ehrman, especialista em Novo Testamento, coloca quase tudo que vínhamos pensando:

**[...] Mas a triste realidade é que não creio que o livro Apocalipse – nem qualquer outro livro da Bíblia – tenha sido escrito pensando em nós. Ele foi escrito para as pessoas que viviam na época do autor. Ele não estava antecipando o surgimento do islamismo militante, a guerra contra o terror, uma futura crise do petróleo ou um eventual holocausto nuclear. Ele estava antecipando que o fim chegaria na própria época do autor. Quando o autor do Apocalipse esperava que o Senhor Jesus visse “muito em breve” (Ap 22:20), ele realmente queria dizer “muito em breve” – não 2 mil anos depois. Apenas um sofisma posterior gerou a ideia de que “muito em breve” no caso de Deus significava “o futuro distante” – que “para o Senhor um dia é como mil anos e mil anos como um dia”, como o autor de 2 Pedro definiu (2 Pd 3:8). Essa redefinição de que o “muito em breve” poderia significar faz sentido, claro. Se o autor do Apocalipse, e outros profetas cristãos antigos como Paulo, achava que o fim chegaria imediatamente, e ele nunca chegou, o que mais poderia alguém fazer além de dizer que era “imediatamente” pelo calendário de Deus, não pelos calendários**

terrestres? <sup>(1)</sup> (grifo nosso)

Allan Kardec (1804-1869) disse que “a verdade é *una só*, e ela sairá do exame imparcial das diferentes opiniões.” <sup>(2)</sup>. Apoiados nisso nos lançamos à pesquisa.

---

1 EHRMAN, *O problema com Deus*, p. 216-217.

2 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 102.

## O que a crítica bíblica teria a dizer

Percebemos que bem poucos são os espíritas que se enveredam pela trilha do questionamento de temas bíblicos, muitos seguem o que os teólogos de antanho lhes passaram como sendo verdade, na maioria das vezes apoiados, quando não em interpretações forçadas à conveniência dogmática, simplesmente em tradições.

Infelizmente abandonaram o senso crítico, do qual a razão e a lógica são bases fundamentais para interpretação e análise de todo e qualquer texto que se lê.

Do racionalismo, que emergiu nos séculos XVII e XVIII, surgiu o que se convencionou chamar de “Crítica Bíblica”, que assim é definida na [Wikipédia](#):

**Crítica bíblica** é o estudo e a investigação das escrituras bíblicas que procura discernir e discriminar julgamentos sobre essas escrituras. Basicamente, a crítica bíblica trata de responder a questões tais como: quando e onde um texto particular se originou; como, por quais razões, por quem, para quem e em que circunstâncias foi produzido; que influências se expressam em sua produção; que fontes foram usadas em sua composição e qual a mensagem que o texto procura passar.

A crítica também se interessa pelo próprio texto, incluindo a investigação do significado das

palavras e a forma como são usadas, sua preservação, história e integridade. Para isso, a crítica bíblica se vale de uma ampla gama de disciplinas acadêmicas, incluindo a arqueologia, antropologia, linguística etc. (3)

Precisando um pouco mais o seu surgimento:

A crítica bíblica moderna começa no século XVII com filósofos e teólogos (Thomas Hobbes, Benedito Spinoza, Richard Simon e outros) que começaram a se perguntar quais seriam as origens do texto bíblico, especialmente do Pentateuco (os primeiros cinco livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio). (4)

Geralmente, os que formam a denominada “Crítica Bíblica” são estudiosos de reconhecida capacidade em algum ramo do conhecimento humano, que se debruçam nos textos bíblicos buscando saber quando, onde e por quem foram escritos, a coerência da linguagem, a relação com fatos históricos, etc.

Na obra ***Como Jesus se tornou Deus***, Ehrman apresenta a seguinte informação:

[...] mostro que **a maioria dos estudiosos críticos** há mais de um século tem

---

3 Link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%Adtica\\_b%C3%Adblica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%Adtica_b%C3%Adblica).

4 Link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%Adtica\\_b%C3%Adblica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%Adtica_b%C3%Adblica).

argumentado que **Jesus é melhor entendido como um profeta apocalíptico que previu a chegada iminente do fim de uma era**, quando Deus interviria na história e derrubaria as forças do mal para trazer seu reino do bem. [...]. <sup>(5)</sup> (grifo nosso)

[...] Deus em breve interviria e instalaria seu reino do bem. Mas quando? Quanto era preciso esperar? “Na verdade lhes digo, alguns dos que aqui estão não provarão a morte sem que vejam chegado o reino de Deus com poder.” Estas são as palavras de **Jesus** em Marcos 9:1. **Ele pensava que o final apocalíptico chegaria muito breve, antes que todos seus discípulos estivessem mortos.** Ou, conforme diz em outra parte: “Na verdade lhes digo que não passará esta geração antes que todas estas coisas aconteçam” (Marcos 13:30). <sup>(6)</sup> (grifo nosso)

É interessante saber que “a maioria dos estudiosos críticos” consideram Jesus como um profeta apocalíptico, conforme Ehrman muito bem argumentou.

Um pouco mais à frente, Ehrman nos informa:

[...] Nosso autor cristão mais antigo, conforme assinalei, foi **Paulo**. Ele estava totalmente imbuído do pensamento apocalíptico. **Tinha tanta certeza de**

---

5 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 16.

6 EHRMAN, *Como Jesus e tornou Deus*, p. 139.

**que o fim estava próximo que achava que estaria vivo quando chegasse o dia do julgamento** (vide 1Ts 4:17; 1Co 15:521-53). <sup>(7)</sup> (grifo nosso)

Portanto, fica bem demonstrado que essa era a crença vigente na época de Jesus.

Na obra ***Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica***, o autor José Pinheiro de Souza (1938-2014) nos dá um bom exemplo do que a crítica bíblica vem descobrindo ao mencionar o Seminário de Jesus, sobre o qual esclarece:

O **Seminário de Jesus** (SJ) é uma instituição composta por cerca de 100 **pesquisadores, altamente qualificados, que, há 26 anos, se dedicam à investigação científica dos Evangelhos**, em busca das palavras e ações autênticas de Jesus. <sup>(8)</sup> (grifo nosso)

Entre as várias chocantes conclusões do ***Seminário de Jesus***, para exemplificação, destacamos estas três mencionadas por José Pinheiro:

[...] Os pesquisadores do SJ chegaram a concluir que **apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos**

---

7 ERMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 151.

8 SOUZA, *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*, p. 65.

**Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos Evangelhos pode ser, de fato, consideradas autênticas, ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são verdades históricas, mas crenças cristãs (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 1) <sup>(9)</sup> (grifo nosso)**

**Jesus não nasceu de uma virgem;** os pesquisadores do SJ duvidam que Maria tenha concebido Jesus sem relação sexual. O pai de Jesus foi José ou algum outro homem desconhecido que seduziu a jovem Maria [...]. <sup>(10)</sup> (grifo nosso)

O recenseamento mundial, a viagem para Belém, a estrela no oriente, os astrólogos [reis magos], a fuga para o Egito e o retorno do Egito, o massacre das crianças, os pastores nos campos e o parentesco com João Batista **são tudo ficções cristãs.** <sup>(11)</sup> (grifo nosso)

Certamente, que muitas das conclusões emanadas do Seminário de Jesus escandalizam sobremaneira aos

---

9 SOUZA, *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*, p. 67.

10 SOUZA, *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*, p. 104.

11 SOUZA, *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*, p. 104.

cristãos tradicionais, uma vez que não estão acostumados a questionamentos, porquanto caminham sob “uma vara dogmática”, que se lhes impõe o que querem, sob ameaça de serem “[...] *lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre*” (Apocalipse 19,20).

Outro ponto que poucos espíritas conhecem é que, segundo alguns críticos bíblicos, os nomes constantes dos títulos dos Evangelhos não designam seus autores, tema sobre o qual realizamos uma pesquisa que, no formato de ebook, está disponibilizada em nosso site. <sup>(12)</sup>

Relembremos esta importante fala de Kardec, em **A Gênese**:

[...] **Caminhando de par com o progresso**, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. **Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.** <sup>(13)</sup> (grifo nosso)

Ora, se o Espiritismo acompanha o progresso científico, ele não pode também deixar de ver o avanço nas várias áreas do conhecimento humano, incluindo, obviamente aquele que surgiu na questão da análise dos

---

12 Link: <http://www.paulosnetos.net/artigos/send/6-ebook/10-os-nomes-dos-ttulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0>

13 KARDEC, *A Gênese*, p. 40.

textos bíblicos: Não devemos fechar os olhos a essa realidade ou fingir que elas não existem simplesmente para nos manter agarrados a conceitos já ultrapassados pelos métodos atuais de análise crítica.

Provavelmente, surgirão alguns confrades contestando isso, tomando como base o fato de que vários Espíritos se referem aos nomes como se fossem mesmo os autores verdadeiros. Sim, de fato, muitos o fazem, entretanto, tem-se que convir que levamos para o “lado de lá” tudo quanto aprendemos do “lado de cá”, mantendo-nos na mesma idiossincrasia que nos caracterizava. O desencarne não nos torna sábios e, muito menos, numa enciclopédia ou numa espécie de “Google Espiritual” que contém o conhecimento de tudo.

Em ***Obras Póstumas***, no artigo “A minha primeira iniciação no Espiritismo”, Kardec, a certa altura, diz:

Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que **os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral**; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e **que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal**. Reconhecida desde o princípio, esta verdade me preservou do grave escolho de crer na infalibilidade dos Espíritos e me impediu de

formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um ou alguns deles. <sup>(14)</sup> (grifo nosso)

Portanto, jamais devemos nos esquecer de que, fora os Espíritos puros, todos os outros Espíritos falam apenas daquilo que aprenderam quando encarnados, dão apenas opinião pessoal e não têm “plena sabedoria, nem a ciência integral”.

Infelizmente, em nosso meio encontramos muitos espíritas que não levam em consideração o progresso científico, especialmente o relativo à análise crítica dos textos bíblicos, por acreditarem, ainda que inconscientemente, na infalibilidade de certos Espíritos, destacando aqueles que se manifestam por médiuns renomados, o que, como vimos, é contrário às orientações de Kardec.

Por outro lado, não podemos deixar de levar em conta que muitas coisas que os Espíritos sabem, eles não nos revelam, deixando que nós as descubramos por conta própria ou ainda pelo motivo de não terem permissão para as revelar.

Até imaginamos a grande surpresa desses confrades se também lhes falarmos que as supostas

---

14 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 299.

profecias a respeito de Jesus são ajustes de seus seguidores para tentar provar à liderança religiosa judaica que ele era o Messias esperado, o que não aconteceu, pois esses o têm apenas como um profeta.

Pesquisando-se os textos bíblicos, poderemos ver claramente que não existe nenhuma profecia direta a respeito de Jesus (15). É provável a existência de uma indireta, a que se refere à volta de Elias, antes do grande dia do Senhor (Malaquias 3,1.23), que Jesus disse ter sido cumprida por João Batista, o que, indiretamente, o coloca como sendo o Messias que viria nesse “grande dia do Senhor”.

Aliás, nem mesmo o Apocalipse escapou da tentativa de ser ligado a profecias (supostas) do Antigo Testamento, senão vejamos o que nos informa Pe. Matos Soares, tradutor da ***Bíblia Sagrada Paulinas***, edição de 1980:

Quanto à composição do livro, convém frisar sobretudo isto: que do início ao fim (especialmente nas visões) **vêm à tona símbolos, cenas e locuções tomadas de vários livros do Antigo Testamento, principalmente de Ezequiel e de Daniel.**

---

15 NETO SOBRINHO, *Será que os profetas previram a vinda de Jesus*, <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/7-livros-textos/201-ser-que-os-profetas-previram-a-vinda-de-jesus-v110>

Poder-se-ia comparar o **Apocalipse a um grandioso mosaico**, cujas pedrinhas provêm do vasto repertório dos antigos autores bíblicos, mas reordenadas e dispostas segundo um harmonioso projeto, absolutamente novo e original. **Esse fato, além de nos dissuadir de procurar outras fontes fora da Bíblia para o Apocalipse; é também um modo indireto de insinuar que nos acontecimentos anunciados se realizarão decisiva e plenamente as profecias do Antigo Testamento.** <sup>(16)</sup> (grifo nosso)

Portanto, percebe-se que da mesma forma que procederam com Jesus, busca-se ligar o teor do Apocalipse às profecias do Antigo Testamento.

É oportuno esclarecer a questão das profecias. Recorramos ao escritor de renome internacional sobre temas religiosos e éticos Tom Harpur, ex-pastor anglicano, professor de grego e Novo Testamento na University of Toronto, que, em ***O Cristo dos Pagãos***, afirma:

[...] As profecias hebraicas, é preciso lembrar, não diziam respeito a predizer, profetizar, vaticinar, prognosticar, prenunciar, pressagiar, mas a *projetar* (isto é, estavam relacionadas com os problemas imediatos. [...]). <sup>(17)</sup> (grifo do original)

---

16 Bíblia Sagrada Paulinas, p. 1341.

17 HARPUR, *O Cristo dos Pagãos*, p. 167.

E, em ***Transformando água em Vinho***, Tom Harpur também explicita bem incisivo: “[...] O fim dos tempos não era um acontecimento distante (por exemplo, dois mil anos depois, mas algo imediato”. (18) Mais à frente, afirma que:

[...] **Orígenes**, o grande estudioso da Bíblia e teólogo de Alexandria, no Egito, **critica redondamente a tolice do que leem de maneira estritamente literal as passagens das Escrituras sobre o fim dos tempos ou o Juízo Final**. [...]. (19) (grifo nosso)

Informação bem interessante essa sobre o pensamento de Orígenes.

Na obra ***Até sempre Chico Xavier***, dona Nena Galves relata a entrevista que o médium concedeu a Hebe Camargo, que “foi ao ar pela Rádio Bandeirantes, como programa especial de Natal, no dia 19 de dezembro de 1985” (20), da qual destacamos o seguinte trecho:

HEBE: Chico Xavier, nós estamos muito preocupados com o mundo de hoje. Enchentes, de repente secas terríveis, terremotos, catástrofes como as que aconteceram no México, na Colômbia, nos Estados Unidos. **Será**

---

18 HARPUR, *Transformando Água em Vinho*, p. 75.

19 HARPUR, *Transformando Água em Vinho*, p. 76.

20 GALVES, *Até sempre, Chico Xavier!*, p. 166.

**isso tudo que acontece agora a indicação de que é chegado o fim e nós ainda não apercebemos?** Ou isso é um alerta, pois está enfraquecendo a fé que sempre existiu nos povos? Será que a falta de fé talvez esteja levando o mundo a essas catástrofes?

CHICO: Hebe, muitas vezes nós falamos em fim do mundo, mas **a verdade é que se houver um fim do mundo, este fim do mundo se debitará à ambição e o ódio entre os homens, mas não a uma Ordem Divina.** <sup>(21)</sup> (grifo nosso)

Trazemos essa fala de Chico Xavier, pois é comum vermos pessoas ligadas às correntes cristãs tradicionais, e até mesmo espíritas, alegando que o *Apocalipse* trata do “fim do mundo” ou “fim dos tempos”, como um decreto Divino contra a Humanidade.

Chico Xavier foi de uma lucidez irrepreensível na colocação de que se existir um fim do mundo, esse não será por uma Ordem Divina. Sem a mínima reserva, nos alinhamos com ele, ainda que, dentro do movimento espírita, a nossa opinião seja algo equivalente a “um zero à esquerda”.

---

21 GALVES, *Até sempre, Chico Xavier!*, p. 173.

## Do que trata o gênero literário apocalíptico?

Buscaremos a resposta em estudiosos e tradutores bíblicos que podem, com muita propriedade e competência, nos explicar do que se trata.

Bart D. Ehrman, em *Evangelhos Perdidos*, fala o seguinte a respeito de gênero literário apocalíptico entre os judeus:

**Os apocalípticos judaicos, porém, sustentavam que Deus logo interviria e derrotaria essas forças do mal em uma demonstração cataclísmica de poder, destruindo todos que se lhe opusessem, incluindo os reinos que estavam causando o sofrimento do seu povo. Ele traria então um novo reino, no qual não haveria mais pecado, sofrimento, mal ou morte. Esses apocalípticos sustentavam que os que estavam sofrendo precisavam aguentar só um pouco mais, pois Deus logo os defenderia e lhes daria uma recompensa eterna em seu Reino. Quando seria esse logo? “Em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte sem que vejam chegando o Reino de Deus com poder.”** Essas são palavras de Jesus (Mc 9:1), provavelmente o apocalíptico judeu mais famoso da Antiguidade. Ou, como ele diz mais tarde: “Em verdade vos digo, não passará essa geração sem que todas essas coisas aconteçam”

(Mc 13:30). <sup>(22)</sup> (grifo nosso)

A isso que Ehrman disse, para que as coisas se tornem bem claras, completaremos com o que ele fala em ***História da Bíblia: a origem do Cânon do Novo Testamento***:

V. Quando o livro do Apocalipse é lido como um apocalipse antigo, a mensagem faz sentido considerável.

A. Em termos de enredo básico a João, um profeta terreno, é mostrado as realidades celestes sobre o que está prestes a acontecer na Terra: de desastres, catástrofes e destruição desenfreada, até o fim, quando Cristo voltar em juízo sobre o mal e a todos aqueles sob sua influência.

B. O ponto mais importante a salientar é que este **não foi escrito como um modelo para o nosso próprio futuro: Ele foi escrito para os cristãos da época.**

C. Isto pode ser visto especialmente na simbologia que vem a ser explicada pelo mediador angélico no livro.

1. Como um exemplo: A prostituta da Babilônia no capítulo 17 refere-se à exploração política e econômica do mundo que estava passando sob o poder de Roma.

**2. E o Anticristo – 666 – é na verdade uma**

---

22 EHRMAN, *Evangelhos Perdidos*, p. 128-129.

**referência para o primeiro imperador anticristão, César Nero, as letras de cujo nome somadas dão 666.**

D. O ponto do livro é que aqueles que experimentam dificuldades e perseguição na época eram de se manter um pouco mais de tempo, porque Deus logo interviria na história, derrubaria as forças do mal e trará o seu bom e eterno reino à terra.

**VI. O livro do Apocalipse foi um livro para o seu próprio tempo, e não deve ser arrancado de seu próprio contexto histórico e feito para falar sobre algo que o autor não tinha em mente, o nosso próprio futuro aqui no início do século 21, cerca de 1.900 anos depois que foi composto. <sup>(23)</sup> (grifo nosso)**

É importante destacar que os apocalípticos judaicos não tratavam de previsões para um futuro longínquo, mas de um imediato, que se cumpriria naquela geração a qual se fazia a revelação, o que certamente delimita o teor do Apocalipse de João, seja ele quem for, a esse contexto histórico.

Em outra obra de Ehrman, cujo título é **Quem escreveu a Bíblia: Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são**, encontramos mais estas explicações:

---

23 EHRMAN, *História da Bíblia: a origem do Cânon do Novo Testamento*, p. 27.

[...] **Um apocalipse** (do grego, que significa “revelação”, “descoberta”) **é um texto que revela a verdade do reino celestial aos mortais** para ajudá-los a compreender o que acontece aqui na Terra. **Algumas vezes essa verdade é revelada por meio de visões bizarras e simbólicas que o autor supostamente tem e são explicadas por uma espécie de intérprete angelical.** Um exemplo é o livro de Daniel, da Bíblia hebraica. **Em outros casos, o autor teria sido levado ao céu para ver as grandes verdades do reino divino que dão sentido aos acontecimentos horrendos que acontecem aqui na Terra.** Um exemplo cristão é o livro Apocalipse no Novo Testamento.

**Estes livros têm como objetivo inspirar esperança em seus leitores.** Embora as coisas pareçam totalmente fora de controle aqui na Terra, embora haja muita dor, infelicidade e sofrimento, embora guerras, fomes, epidemias e catástrofes naturais estejam esmagando a raça humana, **embora as coisas pareçam inteiramente fora das mãos de Deus, a despeito de tudo isso, tudo se passa de acordo com o plano. Deus logo consertará tudo o que está errado.** Se as pessoas suportarem um pouco mais, **sua confiança em Deus dará frutos,** e Ele interferirá no curso dos acontecimentos aqui na Terra para restaurar a paz, a justiça e a alegria eternas.

**Apocalipses são quase sempre escritos sob pseudônimo com o nome de algum personagem religioso renomado do passado.**

(<sup>24</sup>) Nos círculos cristãos, temos apocalipses em nome de Pedro, Paulo e do profeta Isaías. Em círculos judaicos, apocalipses em nome de Daniel, Enoque, Abraão e mesmo Adão! Os estudiosos costumam alegar que esses livros não podem ser considerados falsificações porque **escrevê-los com pseudônimos fazia parte do trabalho**; o gênero literário, de certa forma, exigia que fossem escritos por alguém que “conhecesse” essas coisas, ou seja, alguém em alta conta junto a Deus. Mas considero essa visão simplista demais. **A realidade é que os antigos de fato acreditavam que eram escritos pelas pessoas que alegavam estar escrevendo, como veremos repetidamente nos antigos testemunhos.** (<sup>25</sup>) Os autores desses livros também sabiam disso. **Eles assumiam nomes falsos justamente porque seus escritos se mostravam mais eficazes**

---

24 Nota da transcrição (N.T.): O livro do Apocalipse do Novo Testamento, escrito por um João desconhecido, é uma exceção muito rara.

25 N.T.: Uma das discussões mais interessantes está nos escritos do pai da Igreja, Tertuliano, que perguntou como o livro de Enoque, escrito pela famosa figura homônima - um homem que nunca morreu, tendo sido elevado aos céus quando ainda vivia sete gerações após Adão -, poderia ter sobrevivido até seus dias, os de Tertuliano. Se houve um dilúvio mundial depois da época de Enoque, nos dias de Noé, o livro não teria desaparecido? Tertuliano se dá ao trabalho de explicar como poderia ter sobrevivido ao dilúvio. Por que Tertuliano tem o trabalho de explica isso? Porque acreditava que tinha sido escrito por Enoque. Tertuliano não era um idiota - longe disso. Era um dos verdadeiros intelectuais do século III cristão. É anacrônico os estudiosos modernos pensarem que os antigos teriam compreendido a verdadeira natureza do artifício da falsificação apocalíptica e reconhecido que os livros produzidos obedeciam às exigências do gênero.

**dessa forma.** <sup>(26)</sup> (grifo nosso)

Destacamos, por ser algo importante, que Ehrman coloca num mesmo patamar o livro de Daniel e o Apocalipse de João, explicando o objetivo de tais obras: “Estes livros têm como objetivo inspirar esperança em seus leitores.”

Especificamente com relação ao livro de Daniel, Ehrman em ***Como Jesus se tornou Deus*** e em ***Quem escreveu a Bíblia: Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são***, fornece-nos importantes explicações:

O livro de Daniel é algo como uma versão da Bíblia Hebraica para o livro Apocalipse – **um livro que os fundamentalistas modernos pensam estabelecer um plano para a história humana até os nossos tempos. Estudiosos críticos veem-no como algo de fato bem diferente, como um livro de seu próprio tempo e lugar.** O pretense cenário do livro de Daniel é o século VI a.C. – embora alguns estudiosos há muito estejam convencidos de que o livro na verdade não foi escrito naquela época, mas séculos depois, em II a.C. [...]. <sup>(27)</sup> (grifo nosso)

---

26 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia: Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*. p. 36-37.

27 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 90-91.

[...] O livro de Daniel é atribuído em parte ao profeta Daniel durante o cativeiro da Babilônia, no século VI a.C. **Mas não há como ele ter sido escrito nessa época.** Por mais de cem anos os estudiosos apresentaram motivos claros e convincentes para acreditar que **foi escrito quatrocentos anos depois, no século II a.C., por alguém falsamente alegando ser Daniel.** [...]. <sup>(28)</sup> (grifo nosso)

Completaremos essas explicações de Ehrman tomando de sua outra obra intitulada **O problema com Deus**, o seguinte trecho:

De certo modo um texto complicado, o livro de Daniel contém uma série de histórias sobre o profeta e homem sábio Daniel, que teria vivido no século VI a.C., na época do exílio babilônico e do reino persa. Porém, **os estudiosos concordam que o livro na verdade não foi produzido nessa época.** Uma boa parte do livro foi escrita em aramaico e em uma forma posterior de hebraico – sugerindo uma data muito posterior. Ainda mais importante, o simbolismo do livro é em grande parte voltado contra Antíoco Epifanes e sua repressão aos judeus. Assim, o livro normalmente é datado de meados do século III a.C. <sup>(29)</sup> <sup>(30)</sup> (grifo nosso)

---

28 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia: Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, p. 121.

29 N.T.: Ver John Collins. “Daniel, Book of”, em *Anchor Bible Dictionary*, vol.2, p. 29-376; Collins. *Hebrew Bible*, p. 553-71, e Coogan, *Old*

Os apocalipses eram obras literárias nas quais um profeta descrevia visões que tivera. Essas visões eram quase sempre expressas em um simbolismo bizarro de difícil interpretação (horrendas feras selvagens e afins). Mas invariavelmente um intérprete angelical está por perto para oferecer algumas chaves explicativas. Alguns apocalipses descrevem uma viagem que aquele que tem visão faz pelos reinos celestes, nos quais vê em reflexos celestes o que acontece na terra (há um pouco disso no livro do Apocalipse). Em outros casos, ele recebe uma sequência de acontecimentos que são interpretados como uma espécie de linha do tempo do que acontecerá no futuro (como aqui em Daniel). Como era verdade no caso dos profetas escritores hebraicos, **os profetas apocalípticos estão falando para sua própria época – não estão olhando bolas de cristal e fazendo previsões para épocas milhares de anos à frente. Na maioria dos casos (nem todos), os videntes apocalípticos escrevem seus relatos sob pseudônimos – alegando serem algum famoso personagem religioso do passado. Isso dá alguma credibilidade aos seus relatos** – pois a quem mais seriam revelados segredos celestiais a não se àqueles mais perto de Deus, os grandes homens de Deus do passado? E assim, como dissemos, temos apocalipses supostamente escritos por Moisés, Elias e mesmo Adão; depois temos

---

*Testament*, p. 536-43.

30 EHRMAN, *O problema com Deus*, p. 183.

apocalipses supostamente escritos por Isaías, Pedro e Paulo.

**Uma das vantagens de ter uma pessoa famosa do passado escrevendo um apocalipse é que os acontecimentos futuros que ela vê na verdade são da época do verdadeiro autor, já acontecidos. Consequentemente, as “previsões” que o autor disfarçado supostamente faz com certeza se realização: elas já aconteceram!**

**Assim, o livro de Daniel nos dá um apocalipse. Ele foi escrito sob pseudônimo na época da Revolta dos Macabeus, quanto Antíoco Epífanes estava profanando o santuário, tentando obrigar os judeus a não mais obedecerem à Lei e perseguindo aqueles que recusavam a cooperar. É uma visão com um simbolismo bizarro, explicada por um anjo, na qual o “futuro” supostamente é previsto por um profeta do século VI; na realidade, porém, a maioria dos acontecimentos “futuros” são acontecimentos *passados* para o verdadeiro autor do século II. O valor desse tipo de previsão ficcional é que quando o autor vai em frente com o que acontecerá a seguir, em sua própria época, não fica a impressão de que ele deixou de falar sobre o que historicamente já aconteceu para antecipar o que vai acontecer a partir de então, no futuro. O leitor lê *tudo* como uma previsão do futuro; e como todo o resto descrito já se tornou realidade (como precisa ter sido, já que o autor sabe o que aconteceu no passado), a**

previsão do que acontecerá a seguir parece também ter a garantia de que vai acontecer. <sup>(31)</sup>  
(grifo itálico do original, em negrito nosso)

Com essas colocações, que Ehrman nos fornece, temos elementos para que possamos proceder um julgamento bem mais consentâneo do livro de Daniel, e por tabela, dos Apocalipses.

Em ***Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada***, Pepe Rodríguez, temos um complemento para essas informações:

Relativamente ao Apocalipse ou Revelação (que, na realidade, são termos sinónimos), importa salientar que se **trata de um livro que pertence a um género específico de escritos judaicos, chamados apocalípticos**, que estiveram muito em voga por volta de 160 a.C. e que **se caracterizam pelo fulgor das suas visões e pela simbologia utilizada nos seus relatos**. Esta simbologia é, aliás, **de origem babilónica e persa**. Acontece, contudo, que **os redactores judeus foram levados a ampliar e a adaptar esses símbolos para os poder utilizar no contexto monoteísta e messiânico peculiar em que viviam**. Era um tipo de literatura que, muitas vezes, servia para conferir força dramática a factos ocorridos (ou que ainda estavam a acontecer) e igualmente para revestir

---

31 EHRMAN, *O problema com Deus*, p. 185-186;

de uma linguagem profética ocorrências anda por sobrevir. <sup>(32)</sup> (grifo nosso)

Diante do exposto, entendemos que as descrições dos apocalipses somente dizem respeito a intenção de provar que há, de fato, um controle de Deus sobre os acontecimentos; portanto, as suas simbólicas narrativas não deveriam ser tomadas à conta de previsões de acontecimentos futuros, em que a geração destinatária já tenha sido substituída por outras mais novas.

Vejamos agora os tradutores da **Bíblia de Jerusalém** dos quais encontramos, na Introdução ao livro Apocalipse, o seguinte:

O termo “apocalipse” é a transcrição duma palavra grega que significa revelação; todo apocalipse supõe, pois, uma revelação que Deus fez aos homens, **revelação de coisas ocultas e só por ele conhecidas, especialmente de coisas referentes ao futuro.** É difícil definir exatamente a fronteira que separa o gênero apocalíptico do profético, do qual, de certa forma, ele não é mais que prolongamento; mas enquanto os antigos profetas ouviam as revelações divinas e as transmitiam oralmente, o autor de um apocalipse recebia suas revelações em forma

---

32 RODRÍGUES, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 79.

de visões, que consignava em livro. Por outro lado, **tais visões não têm valor por si mesmas, mas pelo simbolismo que encerram, pois em apocalipse tudo ou quase tudo tem valor simbólico: os números, as coisas, as partes do corpo e até as personagens que entram em cena.** Ao descrever a visão, o vidente traduz em símbolos as ideias que Deus lhe sugere, procedendo então por acumulação de coisas, cores, números simbólicos, sem se preocupar com a incoerência dos efeitos obtidos. **Para entendê-lo, devemos, por isso, apreender a sua técnica e retraduzir em ideias os símbolos que ele propõe, sob pena de falsificar o sentido de sua mensagem.**

[...].

[...] **é indispensável, para bem compreender o Apocalipse, reinseri-lo no ambiente histórico que lhe deu origem:** um período de perturbações e de violentas perseguições contra a Igreja nascente. Pois, do mesmo modo que os apocalipses que o precederam (especialmente o de Daniel) e nos quais manifestamente se inspira, **é escrito de circunstância, destinado a reerguer e a robustecer o ânimo dos cristãos,** escandalizados, sem dúvida, pelo fato de que perseguição tão violenta se tenha desencadeado contra a Igreja daquele que afirmara: “Não temais, eu venci o mundo” (Jo 16,33). **Para levar a efeito seu plano, João retoma os grandes temas proféticos tradicionais,** especialmente o do “Grande Dia”

de lahweh (cf. Am 5,18+): ao povo santo, escravizado sob o jugo dos assírios, dos caldeus e dos gregos, dispersado e quase destruído pela perseguição, **os profetas anunciavam o dia da salvação, que estava próximo e no qual Deus viria libertar o seu povo das mãos dos opressores**, devolvendo-lhes não apenas a liberdade, mas também poderio e domínio sobre seus inimigos, que seriam por sua vez castigados e quase destruídos. **No momento em que João escreve, a Igreja, o novo povo eleito, acaba de ser dizimada por sangrenta perseguição** (6,10-11; 13; 16,6; 17,6), **desencadeada por Roma e pelo império romano (a Besta)**, mas por instigação de Satanás (12; 13,2-4), o Adversário por excelência de Cristo e do seu povo. A visão inaugural descreve a majestade de Deus que reina no céu, senhor absoluto dos destinos humanos (4) e que entrega ao Cordeiro o livro que contém o decreto de extermínio dos perseguidores (5); a visão prossegue com o anúncio da invasão de povos bárbaros (os partos), com seu tradicional cortejo de males: guerra, fome e peste (6). Os fiéis de Deus, porém, serão preservados (7,1-8; cf. 14,1-5), à espera de gozarem no céu, de seu triunfo (7,9-17; cf. 15,1-5). Entretanto, Deus, que quer a salvação dos pecadores, não os destruirá imediatamente, mas lhes enviará uma série de pragas para adverti-los, como fizera contra o Faraó e os egípcios (8-9; cf. 16). Esforço inútil: por causa de seu endurecimento, Deus destruirá os ímpios perseguidores (17), que procuravam

corromper a terra, induzindo-a a adorar Satanás (alusão ao culto dos imperadores da Roma gentilícia); seguem-se uma lamentação sobre Babilônia (Roma) destruída (18) e cantos de triunfo no céu (19,1-10). Nova visão retoma o tema da destruição da Besta (a Roma perseguidora), realizada desta vez por Cristo glorioso (19,11-21). Então inicia-se um período de prosperidade para a Igreja (20,1-6), que terminará com novo assalto de Satanás contra ela (20,7s), o aniquilamento do Inimigo, a ressurreição dos mortos e seu julgamento (20,11-15) e finalmente o estabelecimento definitivo do Reino celeste, na alegria perfeita, depois de aniquilar a morte (21,1-8). Uma visão retrospectiva descreve o estado de perfeição da nova Jerusalém durante seu reinado sobre a terra (21,9s).

**Esta é a interpretação histórica do Apocalipse, seu sentido primeiro e fundamental. [...].** <sup>(33)</sup> (grifo nosso)

Deve-se situar o teor dessa obra a fatos do século I do cristianismo, nada de previsão para eventos de um futuro mais distante do que esse século. Não podemos abandonar a razão e a lógica para cair no viés mítico.

Na ***Bíblia do Peregrino***, encontramos o seguinte:

A primeira palavra do texto é apocalipse, o que equivale à definição de livro para sua

classificação, porque **o apocalipse é um gênero bem definido**. No AT tem só um representante, Daniel, o resto são apócrifos. **O apocalíptico se coloca numa conjuntura de mudança ou sobressalto decisivo. Olha para o passado e o divide em etapas sucessivas; contempla um presente de perigo e angústia crescentes, e abre a cortina do futuro próximo: o julgamento divino solene e a instauração do reinado do Senhor. Agora entra a ficção: o autor se finge um personagem antigo, o passado reduzido a períodos se apresenta como predição, o futuro é predição.** Até aqui o trabalho é intelectual; agora começa, com variável êxito, o trabalho da fantasia. Os períodos são traduzidos em imagens coerentes e articuladas; **o futuro próximo**, por ser desconhecido, se descreve com imagens convencionais.

[...].

**O autor quer avisar e alentar seus irmãos cristãos para a grave prova que se avizinha.** Já houve perseguições e mártires (2,13; 6,9); sobrevém a grande prova dos fiéis (3,10), quando o imperador exige adoração e entrega (13,4,16-17; 19,20). [...]. <sup>(34)</sup> (grifo nosso)

Vê-se, portanto, que esse tradutor <sup>(35)</sup> corrobora o

---

34 Bíblia do Peregrino, p. 2940.

35 Luís Alonso Schökel nasceu em Madri em 1920 e faleceu aos 10 de julho de 1998. [...] Estudou Sagrada Escritura no Pontifício Instituto Bíblico de Roma (1951-1954), doutorando-se em 1957 com tese intitulada *Estudios de poética hebrea*. Professor de introdução

importante ponto de que as previsões são um alerta “para a grave prova que se avizinha”, nada de coisa para um futuro que seja posterior àquela geração.

Da ***Bíblia Sagrada Ave-Maria***, transcrevemos:

Este livro é considerado pela maioria dos leitores como o mais difícil de compreender e o mais misterioso de toda a Bíblia. Ele é, com efeito, bastante enigmático, mas **sua interpretação pode tornar-se mais clara, se se levar em conta, de um lado, o gênero literário utilizado pelo autor e, de outro, a circunstância em que a obra foi escrita.**

**A situação dos cristãos da Ásia era, naquela época, das mais críticas. As perseguições já tinham começado.** Por outro lado, muitos cristãos, que esperavam uma próxima libertação pelo retorno glorioso do Cristo, verificavam com tristeza que esse retorno demorava e que seu termo era quase indefinidamente adiado. Tomados de angústia, começavam a perder a esperança de encontrar um dia a independência religiosa.

**O apóstolo João, fazendo de seu livro uma mensagem de reconforto e de encorajamento** e, ao mesmo tempo, um manifesto contra o paganismo reinante, quer anunciar aos seus leitores a inevitável oposição do mal e do bem sobre a terra, e **predizer a vitória de Deus,**

**decisiva e certa**, embora realizada no sofrimento e na morte. Para esse fim, ele **lança mão de um recurso literário muito usado entre os judeus** desde há dois séculos aproximadamente, do qual se pode ver um exemplo no livro de *Daniel*. **Esse gênero literário foi chamado gênero apocalíptico, porque apresenta aos olhos do leitor uma série de visões, ou revelações muito simbólicas, tendo um sentido oculto. Não se trata de dar uma descrição antecipada de acontecimentos futuros, mas de apresentar uma mesma realidade sob vários símbolos diferentes.** Essas visões se supõem outorgadas a um personagem que, dessa maneira, recebe comunicação das intenções divinas sobre os destinos do mundo. Tudo isso é feito numa linguagem intencionalmente figurada e misteriosa, para provocar uma atenção mais viva no leitor.

Sua leitura será menos desconcertante, se desde o começo for indicado o simbolismo de várias dessas imagens empregadas, por exemplo:

O cordeiro simboliza o Cristo; a mulher, a Igreja cristã; o dragão, as forças hostis ao Reino de Deus; as duas feras (cap. 13), o império romano e o culto imperial; a fera (cap. 17) simboliza Nero; a Babilônia, a Roma pagã; as vestes brancas, a vitória; o número 3  $\frac{1}{2}$ , coisa nefasta ou caduca.

Entretanto, esses símbolos não são exclusivos: o Cristo é às vezes mostrado como

o “Filho do Homem” ou um “cavaleiro”.

**O *Apocalipse* não deve, portanto, ser tomado como uma história contemporânea escrita no “tempo futuro” (verbo); ele não é tampouco uma revelação clara e definitiva do futuro:** é uma mensagem sobrenatural (velada em símbolos, representando tanto o passado, como o presente e o futuro), concernente a um período indefinido que separa a ascensão de Jesus de sua volta gloriosa. Ele anuncia aos fiéis a impossibilidade de escapar à luta e ao sofrimento, às perseguições e ao fracasso aparente no plano terrestre, à realidade da salvação que lhe será concedida no meio de suas obrigações, e à vitória final, obra de Cristo ressuscitado que venceu a morte. <sup>(36)</sup> (grifo nosso)

Muito clara a posição de que o Apocalipse “Não se trata de dar uma descrição antecipada de acontecimentos futuros, mas de apresentar uma mesma realidade sob vários símbolos diferentes”, por isso não deve ser visto como “uma revelação clara e definitiva do futuro”, já que trata de fatos contemporâneos.

A ***Bíblia Sagrada Vozes*** finaliza nossa consulta às bíblias; dela trazemos esta explicação:

“Apocalipse” é uma revelação feita por Deus

---

36 Bíblia Sagrada Ave-Maria, p. 47-48.

a um visionário, a ser transmitida aos homens para lhes comunicar coisas ocultas. **O gênero literário apocalíptico**, muito em voga no judaísmo entre os anos 200 aC e 200 dC, **caracteriza-se pela linguagem misteriosa, cheia de símbolos, visões e aparições celestes**. Nesse gênero, estranho para nós, os detalhes concretos de uma descrição, as cores e os números, assumem dimensões simbólicas que devem ser traduzidas intelectualmente. Assim, nos detalhes da descrição de Ap 1,13-16 divisam-se as prerrogativas do Filho do homem: a túnica representa a dignidade sacerdotal, o cinto de ouro o poder real, os olhos chamejantes a ciência perfeita; quanto às cores (1,6-8), o branco simboliza a vitória, o vermelho a violência, o preto a morte, etc.

**Sem citar expressamente, o Ap recorre continuamente à apocalíptica judaica e ao AT.** Serve-se sobretudo do Ex, como protótipo das grandes libertações do povo de Deus; de Dn, para descrever as perseguições contra a Igreja; e de Ez, donde extrai a maioria dos símbolos e imagens.

[...].

**O livro foi escrito em período de crise (6,9-11) e de violenta perseguição (7,9-14) na qual muitos cristãos perderam a vida.** As perseguições de Nero (64-68) e de Domiciano (81-96) provocaram sérias dúvidas nos fiéis sobre a realidade do reino de Deus, o valor da morte de Cristo e o triunfo do Ressuscitado sobre as forças do mal (Jo 16,33). **O autor quer**

**reafirmar a certeza da vitória de Cristo e trazer uma mensagem de esperança para os perseguidos**, o “Evangelho eterno” (14,6) válido para todos os tempos. **O Senhor da história cumprirá seu plano de estabelecer uma comunhão de vida eterna com os eleitos**. Os mortos ressuscitarão para serem julgados “cada um segundo suas obras” (20,11-15). Então Deus “enxugará as lágrimas” dos olhos dos eleitos e “a morte não mais existirá” (21,1-8; cf. 7,13-17). Nesta expectativa, a Igreja, o novo povo messiânico (7,9-17; 19,1-9), deve seguir a Cristo (14,4) fielmente até o martírio (2,10-13; 2,28), clamando com fé: “Vem, Senhor Jesus!” (22-17.20).

**O Ap é antes de tudo um livro de seu tempo, escrito a partir de seu tempo e para o seu tempo, e não propriamente para as gerações futuras**. Mas é válido para todos os tempos, pois fornece um certo número de dados e reflexões histórico-teológicas de perene atualidade. Eles condicionam e iluminam o drama da luta incessante de Satã contra Deus e o seu povo. <sup>(37)</sup> (grifo nosso)

O ponto central do gênero apocalíptico não muda, nas explicações mantém-se a afirmação objetiva de que “O Ap é antes de tudo um livro de seu tempo, escrito a partir de seu tempo e para o seu tempo, e não propriamente para as gerações futuras.”

---

37 Bíblia Sagrada Vozes, p. 1451-1452.

Aliás, certas previsões só fazem sentido se os que a elas são dirigidos estiverem vivos para comprovar sua realização. Ah!, sim poderão apoiar-se na reencarnação para justificar um futuro mais longínquo, mas se nascemos com o esquecimento do passado é como se nada soubéssemos das consequências de não tomarmos o caminho correto, tornando as advertências sem nenhum efeito prático.

## Autoria do Apocalipse

Mesmo que nesse estudo não tenhamos como objetivo uma profunda e extensa pesquisa do tema, não poderemos deixar de analisar essa grave questão, que é mais um ponto que poucos espíritas têm conhecimento.

Para desvendarmos a autoria do Apocalipse, tomaremos esta orientação de Kardec: “[...] quem quer esclarecer-se não deve colher ensinamentos de uma só fonte, porque só pelo exame e pela comparação se pode firmar um juízo.” (38)

Os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, em a “Introdução ao Apocalipse”, explicam:

Os apocalipses tiveram grande êxito em certos ambientes judaicos (inclusive entre os essênios de Qumrã) nos dois séculos que precederam a vinda de Cristo. Preparado já pelas visões de profetas como Ezequiel ou Zacarias, o gênero apocalíptico desenvolveu-se no livro de Daniel e em numerosas obras apócrifas escritas em torno da era cristã. **O Novo Testamento guardou em seu cânon apenas um apocalipse, cujo autor menciona seu próprio nome: João (1,9), que o escreveu exilado na ilha de Patmos, por causa de sua fé em Cristo. Uma tradição**, representada já por

---

38 KARDEC, *O que é o Espiritismo*, p. 152.

são Justino e amplamente difundida no fim do séc. II (santo Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, o Cânon de Muratori), **identifica-o com o apóstolo João, autor do quarto evangelho**. Mas até o séc. V as Igrejas da Síria, Capadócia e mesmo da Palestina **não parecem ter incluído o Apocalipse no cânon das Escrituras, prova de que não o consideravam obra de um apóstolo**; certo Caio, sacerdote romano do começo do séc. III, **chegou a atribuí-lo ao herege Cerinto**, mas talvez por razões polêmicas. Por outro lado, **se o Apocalipse de João apresenta parentesco inegável com os outros escritos joaninos, também se distingue claramente deles por sua linguagem, seu estilo e por certos pontos de vista teológicos (referentes sobretudo à Parusia de Cristo), a tal ponto que se torna difícil afirmar que procede imediatamente do mesmo autor. Não obstante tudo isso, sua inspiração é joanina, e foi escrito por alguém do círculo de discípulos imediatos do apóstolo e está impregnado de seu ensinamento. Não se pode duvidar de sua canonicidade. Quanto à data de composição, admite-se bastante comumente que tenha sido composto durante o reinado de Domiciano, pelo ano 95; outros, e não sem alguma probabilidade, creem que, pelo menos, algumas partes já estariam redigidas desde o tempo de Nero, pouco antes de 70.** <sup>(39)</sup> (grifo nosso)

Mesmo sendo fácil a qualquer pessoa perceber que a linguagem no Apocalipse é bem diferente da do autor do Evangelho de João, se vê que querem amenizar isso dizendo ter um “parentesco inegável”. Será que estão fingindo que não sabem que João era “iletrado de pai e mãe” (40)? Além disso, não se pode esquecer que essa obra foi escrita em grego.

Na ***Bíblia do Peregrino***, lemos:

**Quem escreve se autodenominou João** (1,1.4.9; 22,8), e diz estar confinado numa ilha por confessar Jesus Cristo. **Sendo João um nome tão frequente, presta-se a múltiplas identificações.** Na Antiguidade se apresentou o apóstolo e evangelista, por sua autoridade apostólica, garantia de canonicidade, e por ser escritor. As dúvidas e negações surgiram quando se começou a desviar a interpretação do milênio (Dionísio de Alexandria, morto em 264, e Eusébio de Cesareia). Hoje continuamos a unir esse livro às cartas e ao evangelho num “corpo joanino”; **mas são poucos os que atribuem esse livro ao apóstolo João, embora convergem como válido o nome de outro João.** O autor se diferencia dos apóstolos (18,20: 21,14). **As coincidências de linguagem com o evangelho de João não são**

---

40 Conforme se lê em Atos 4,13: ***“Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que havia eles estado com Jesus.”*** (Bíblia Shedd, grifo nosso)

**numerosas – a mais notável é o título de Cordeiro** para designar Jesus Cristo – e se explicam facilmente se o autor pertenceu ao círculo de João. <sup>(41)</sup> (grifo nosso)

No Evangelho Segundo João, quem identificou Jesus como o título de Cordeiro foi o profeta João Batista e não o seu autor, fato que veremos um pouco mais à frente. Entendemos que isso faz a grande diferença, que o tradutor não conseguiu perceber, certamente mais preocupado em sustentar as tradições da sua igreja. Entretanto, ele confirma que “são poucos os que atribuem esse livro ao apóstolo João, embora convergem como válido o nome de outro João”, ou seja, admite que a maioria dos estudiosos não têm João Evangelista como o autor do Apocalipse.

Na ***Bíblia Sagrada Vozes***, encontramos o seguinte:

**O autor se apresenta como “João” (1,1.4.9; 22,8), alguém bem conhecido dos leitores. Justino (150 dC) o identifica com João apóstolo, opinião que se tomou comum no II e III séculos. As dúvidas sobre a origem apostólica e canonicidade do livro começaram no III século devido ao uso que dele fizeram as heresias do montanismo e milenarismo. Em consequência, o livro foi**

---

41 Bíblia do Peregrino, p. 2940.

**atribuído a João, presbítero de Éfeso.** A tradição em geral concorda em atribuir o Ap ao apóstolo João. **Os exegetas contemporâneos estão divididos. Uns negam, em razão das diferenças de linguagem e teologia, que a mesma pessoa tenha escrito o IV Evangelho e o Ap; outros pensam que Jo e o Ap dependem do apóstolo, mas foram redigidos por um discípulo de João.** Outros, ainda, supõem duas ou mais etapas de redação do Ap, entre 70 e 96 dC. **O certo é que o Ap foi escrito por um profeta judeu-cristão, chamado João (talvez o presbítero João de Éfeso, mencionado por Papias), e que viveu algum tempo na Ásia Menor, durante o governo do imperador Domiciano (81-96).** <sup>(42)</sup> (grifo nosso)

Depois de colocar as várias vertentes, conclui-se que “o certo é que o Ap foi escrito por um profeta judeu-cristão, chamado João (talvez o presbítero João de Éfeso, mencionado por Papias)”, o que, mais uma vez, demonstra que a autoria não é de João Evangelista. Essa vertente, cujos poucos defensores não têm base firme que a sustente, ainda sobrevive por tradição.

Vejamos as opiniões de quatro estudiosos bíblicos:

1) **Pepe Rodríguez**, jornalista de investigação, especialista em religiões comparadas, em ***Mentiras***

---

42 Bíblia Sagrada Vozes, p. 1451.

**fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada**, explica:

[...] Resta João Zebedeu que foi, também ele, apóstolo. Acontece, contudo, que **o Evangelho de João e o Apocalipse não são obra sua, mas de um outro João. Foram escritos por um tal João, o Ancião, um grego cristão** que se baseou não só em textos hebreus e essênios, como nas recordações que conseguiu obter de João, o *Sacerdote*, identificado como “o discípulo amado” de Jesus (mas que não é João Zebedeu), um sacerdote judeu muito amigo de Jesus que foi viver para Éfeso e onde veio a morrer em idade muito avançada. [...]. <sup>(43)</sup> (grifo nosso)

2) **Hugh J. Schonfield** (1901-1988) foi um cidadão britânico especializado no estudo do Novo Testamento e da *Bíblia* em geral, destacando-se em seus estudos sobre o desenvolvimento inicial da religião cristã e da Igreja Católica, cuja obra ***El Nuevo Testamento original*** é citada por Rodríguez:

Como escreve Schonfield <sup>(44)</sup>, “A Revelação (ou Apocalipse) de Jesus Cristo é um espécime tão extraordinário desta literatura [género

---

43 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica como Bíblia foi manipulada*, p. 65-66.

44 N.T.: Cf. Schonfield, J. H. (1990), *El Nuevo Testamento original*. Martínez Roca, Barcelona, p. 451.

literário apocalíptico], que **o seu autor, além de ser forçosamente um especialista, tinha de estar intimamente familiarizado com o templo e os seus mistérios, e ser perito na interpretação escatológica do Cântico de Moisés (Dt 32).** Esse autor pensa em hebreu, e os sons de certas palavras hebraicas entram nas suas visões. **O grego de que se serve não é particularmente literário. Se o nome de João, com que o livro designa o vidente e narrador, não for um pseudónimo, poderá com toda a propriedade designar João, o Sacerdote, ‘o discípulo dilecto’ de Jesus [...], discípulo do pregador profético dos Últimos Tempos, João Baptista** <sup>(45)</sup>, o que torna muito provável a sua associação com os grupos místico-proféticos judeus, assim como com os essénios. **O quarto Evangelho sugere também que esse autor pertencia a uma família sacerdotal, [...]** dado ser pouco verosímil que alguém que não fosse sacerdote soubesse tanto a respeito do Templo de Jerusalém, como mostra saber o autor da Revelação”. <sup>(46)</sup> (grifo nosso)

Essa relação de João, o sacerdote, discípulo de João Batista é curiosa e aponta para um detalhe interessante, conforme se pode ver tomando-se o passo mencionado, cujo João citado é o tesbita:

---

45 N.T.; Cf. Jo 1,35-40.

46 RODRÍGUES, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 79.

João 1,35-40: *“No dia seguinte, João se achava lá de novo, com dois dos seus discípulos. Ao ver Jesus que passava, disse: ‘Eis o **Cordeiro de Deus**’. Os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram a Jesus. Jesus voltou-se e, vendo que eles o seguiam, disse-lhes: ‘Que estais procurando?’ Disseram-lhe eles: ‘Rabi (que, traduzido, significa Mestre), onde moras?’ Disse-lhes: ‘Vinde e vede’. Então eles foram e viram onde morava, e permaneceram com ele aquele dia. Era a hora décima, aproximadamente. André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram as palavras de João e seguiram a Jesus.”* (grifo nosso)

Schonfield, certamente, faz uma relação entre a expressão “o Cordeiro de Deus” utilizada por João Batista <sup>(47)</sup> (Ressalte-se que nos quatro Evangelhos é o único que faz isso) e o autor do Apocalipse tendo-o como um discípulo do tesbita, uma vez que, por 26 vezes, ele designa Jesus com o termo “Cordeiro”.

3) **Geza Vermes** (1924-2013), professor emérito da Universidade de Oxford, é considerado um dos maiores especialistas acadêmicos sobre Manuscrito do Mar Morto e história do cristianismo. Na obra ***As várias faces de Jesus***, lemos:

---

47 João Batista utiliza essa expressão por duas vezes, uma nesse passo indicado e a outra em João 1,36: *“No dia seguinte, ele vê Jesus aproximar-se dele e diz: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.’”*

**O Livro da Revelação ou Apocalipse se pretende obra de um visionário chamado João (Ap 1:1, 4, 9; 22:8), recipiente de revelações na ilha egeia de Patmos, na costa asiática da Turquia. Ele pertencia à escola do autor do Quarto Evangelho sem ser exatamente a mesma pessoa. A identidade do autor e o caráter canônico dos escritos foram objeto de uma controvérsia que perdurou por alguns séculos na igreja primitiva, mas finalmente o Livro da Revelação acabou fazendo parte do Novo Testamento.**

Existem vínculos claros entre este trabalho e o Evangelho de João. Cristo é comumente designado pelo símbolo joanino “o Cordeiro”, e uma vez é chamado de “o Verbo de Deus” (Ap 19:13). Por outro lado, **linguisticamente é impossível atribuir as duas composições a um único autor, e a estrutura conceitual geral da Revelação é totalmente diferente do Evangelho; trata-se de um texto apocalíptico judeu adaptado para crentes em Jesus Cristo.** Suas imagens apocalípticas evocam frequentemente os Manuscritos do Mar Morto. [...]. <sup>(48)</sup> (grifo nosso)

4) **Bart D. Ehrman**, professor de estudos da religião da Universidade da Carolina do Norte e uma autoridade nas pesquisas sobre a *Bíblia* e Jesus. Das suas obras: a) ***Evangelhos Perdidos***, b) ***Quem escreveu a***

---

48 VERMES, *As várias faces de Jesus*, p. 71.

***Bíblia: Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são, e c) Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da bíblia***, transcrevemos:

O caso mais famoso é o livro do Apocalipse. **Um acadêmico cristão de Alexandria (Egito), do século III, chamado Dionísio argumentou que o livro, na verdade, não fora escrito pelo discípulo João, filho de Zebedeu. O argumento de Dionísio era bom e continua a ser bom para os estudiosos de hoje.** <sup>(49)</sup> Ele sustentava que o estilo de redação do livro é tão diferente daquele do Evangelho de João que eles não poderiam ter sido escritos pela mesma pessoa **(estudiosos modernos discordam de Dionísio apenas em pensar que também o evangelho provavelmente não foi escrito por João)**. Dionísio, segundo o pai da Igreja, Eusébio, teve uma série de predecessores que **argumentaram que o Apocalipse tinha sido escrito não por outro homem chamado João, mas por um herege chamado Cerinto**, que falsificou o relato com o intuito de promover seu falso ensinamento de que havia um futuro paraíso de mil anos sobre a Terra. <sup>(50)</sup> <sup>(51)</sup> (grifo nosso)

---

49 De fato, em *História Eclesiástica: os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã*, no Capítulo XXV – O Apocalipse de João, Eusébio de Cesaria fala dessa posição de Dionísio. (p. 273-274.)

50 N.T.: Eusébio, *História da Igreja* 7.25

51 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia: Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, p. 28-29.

**O nome João também era comum.** Embora o Evangelho e as epístolas de João não declarem ser de alguém com esse nome, **o Apocalipse o diz (ver Ap. 1;9). Porém, o autor não alegar ser João, filho de Zebedeu, um dos apóstolos de Jesus.** Na verdade, em uma cena, “João” tem uma visão do trono de Deus cercado por 24 anciãos que o adoram para sempre (Ap. 4:4,9-10). Considera-se geralmente que esses anciãos se referem aos doze patriarcas de Israel e aos doze apóstolos. O autor, no entanto, não dá nenhuma indicação de ver a si mesmo. Provavelmente, então, ele não era o apóstolo. Dessa forma, **o livro é um homônimo em relação a João** e, posteriormente, foi aceito por cristãos como canônico porque eles acreditavam que o autor era, de fato, o apóstolo terreno de Jesus. <sup>(52)</sup> (grifo nosso)

**Um texto “homônimo” (literalmente, “mesmo nome”)** é aquele escrito por alguém que por acaso tem o mesmo nome de outra pessoa. No mundo antigo, a imensa maioria das pessoas tinha os mesmos prenomes. Isso era verdade entre os cristãos, como entre todos os outros. Muitas pessoas se chamavam João, Tiago e Judas, por exemplo. **Se alguém chamado João escreveu o Apocalipse e chamou a si mesmo de João, não estava necessariamente alegando ser qualquer outro que não ele mesmo. Quando cristãos**

---

52 EHRMAN, *Evangelhos Perdidos*, p. 340.

**posteriores supuseram que aquele João tinha de ser o discípulo João, filho de Zebedeu, a culpa não foi do autor.** Ele por acaso apenas tinha o mesmo nome de outra pessoa mais famosa. O livro, portanto, não é falsificado. **É apenas homônimo, supondo que João, filho de Zebedeu, não o escreveu, uma suposição segura para a maioria dos acadêmicos críticos. Ele foi incluído no cânone por causa da sua identidade equivocada.** <sup>(53)</sup> (grifo nosso)

Eu já indiquei que o Apocalipse era um dos oito livros certamente escritos sob o nome de seu verdadeiro autor, por não alegar ser de João, o filho de Zebedeu. **Muitos cristãos posteriores que o aceitaram como parte do cânone achavam que era de um outro João, conhecido como João, o Velho.** [...]. <sup>(54)</sup> (grifo nosso)

Ehrman também afirma que “O último dos Evangelhos a ser escrito foi o de João, escrito por outra pessoa que não o João que escreveu o livro do Apocalipse.”, ao que conclui explicando:

**Isso tem sido reconhecido pelos estudiosos desde o segundo século cristão.**

---

53 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia: Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, p. 30.

54 EHRMAN, *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da bíblia*, p. 309.

Estudiosos modernos destacaram que a visão do fim dos tempos é radicalmente diferente no Evangelho de João e no Apocalipse – o primeiro não tem nenhuma das ênfases apocalípticas do segundo, mas vê a “vida eterna” como uma realidade presente (não futura). Além das diferenças teológicas, também **há óbvias diferenças nos estilos literários** entre os dois livros (em grego). **O Evangelho de João foi escrito por alguém fluente em grego; o livro do Apocalipse não é bem redigido e parece ter sido criado por alguém que não tinha o grego como língua materna.** <sup>(55)</sup> (grifo nosso)

Todos esses estudiosos não aceitam João Evangelista como sendo o autor do Apocalipse, certamente, não por puro achismo, mas como fruto de seus estudos e pesquisas – pelo menos é o que nós conseguimos perceber.

Na **Revista Espírita 1868**, mês de abril, foi publicada a mensagem intitulada “Os mortos sairão de seus túmulos”, assinada por João Evangelista, da qual destacamos o seguinte:

Povos, escutai!... **Uma grande voz se faz ouvir** de um canto ao outro dos mundos; é a do precursor anunciando a vinda do Espírito de Verdade que vem endireitar os caminhos tortuosos onde o Espírito humano se desvia em

---

55 EHRMAN, *O problema com Deus*, p. 225 e 250.

falsos sofismas. **É a trombeta do anjo** vindo despertar os mortos para que saiam de seus túmulos.

Frequentemente, **tendes lido a revelação de João**, e vos perguntastes: Mas o que quer dizer? Como, pois, se cumprirão essas coisas surpreendentes? E vossa razão confundida, se enfia numa tenebrosa complicação de onde não pode sair, porque **queríeis tomar ao pé da letra o que estava dado num estilo figurado**.

**Agora que o tempo chegou, em que uma parte dessas predições vai se cumprir, aprendeis, pouco a pouco, a ler nesse livro onde o discípulo bem-amado consignou as coisas que lhe havia sido dado ver.** No entanto, as más traduções e as falsas interpretações vos embaraçarão ainda um pouco, mas, com trabalho perseverante, chegareis a compreender o que, até o presente, havia sido para vós letra fechada.

[...].

**O Espiritismo é esta voz** poderosa que já ressoa até as extremidades da Terra; todos a ouvirão. [...].

[...]. (JOÃO O EVANGELISTA; Paris, 1866.)  
(<sup>56</sup>) (grifo nosso)

João o Evangelista, o signatário dessa mensagem, trata o autor do Apocalipse como outra pessoa, age da

---

56 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 53-54.

mesma forma ao utilizar a expressão “discípulo bem-amado”. Se não tivéssemos visto tudo acima, acharíamos que ele apenas usa a terceira pessoa para designar a si mesmo, porém, entendemos que, na verdade, para ele o autor da Revelação é outra pessoa.

Certamente, poder-se-á questionar; mas não validará as previsões do Apocalipse como algo a acontecer no futuro. O que temos dito é que os Espíritos não estão para nos revelar coisas que cabe a nós descobrirmos, assim, utilizam-se de crenças comuns para passar sua mensagem.

Isso é fácil de se observar, por exemplo, em Jesus:

*“[...] Uma geração má e adúltera pede um sinal; e nenhum sinal se lhe dará, senão o do profeta Jonas; pois, como **Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe**, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra.”*  
(Mateus 12,39-40)

Não vamos crer que isso, de fato, tenha acontecido, não é mesmo? Temos um texto sobre esse episódio, que poderá ser visto em nosso site. (57)

---

57 NETO SOBRINHO, *Jonas e a baleia*, disponível em:  
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/5-assuntos-bblicos/97-jonas-e-a-baleia0>

## Identificação da Besta: a quem se refere o número 666?

Primeiramente, vejamos o que falam os tradutores bíblicos.

Os da *Bíblia de Jerusalém*, na Introdução ao Apocalipse, identificam a besta no seguinte trecho:

[...] **No momento em que João escreve**, a Igreja, o novo povo eleito, acaba de ser dizimada por sangrenta perseguição (6,10-11; 13; 16,6; 17,6), **desencadeada por Roma e pelo império romano (a Besta)**, mas por instigação de Satanás (12; 13,2-4), o Adversário por excelência de Cristo e do seu povo. [...]. <sup>(58)</sup>  
(grifo nosso)

O versículo de Apocalipse 11,7 tem o seguinte teor: “Quando terminarem seu testemunho, **a Besta** que sobe do Abismo combaterá contra elas, vencê-la-á e as matará.” Em nota os tradutores explicam: “O imperador Nero (cf 13,1.18; 17,8 e as notas), tipo de Anticristo.” <sup>(59)</sup>

No mencionado Apocalipse 13,18, lemos: “Aqui é preciso discernimento! Quem é inteligente calcule o número da **Besta**, pois é **um número de homem**: seu

---

58 Bíblia de Jerusalém, p. 2298-2999.

59 Bíblia de Jerusalém, p. 2313.

**número é 666!**” Explicam-nos, em nota de rodapé:

Em grego e em hebraico cada letra tinha um valor numérico segundo o lugar no alfabeto. O número de um nome é o total de suas letras. **Aqui ‘666’ seria César-Neron (em letras hebraicas); ‘616’ (var.), César-Deus (em letras gregas).** <sup>(60)</sup> (grifo nosso)

Chamamos a atenção para o fato de que é bem claro que o número 666 “é um número de homem” e, pelo que vimos antes, terá que se relacionar a alguém daquela época e não de um personagem do futuro.

Na ***Bíblia do Peregrino***, temos a seguinte explicação para o versículo 13,18 de Apocalipse:

[...] Em 13,18 se lê **a famosa transposição numérica do nome: 666 corresponde às consoantes de neron kaisar**. Pois bem, Nero não perseguiu os cristãos enquanto tais, mas como vítimas expiatórias do incêndio de Roma. Domiciano, porém, exigiu em todo o seu império honras divinas, “nosso Deus e Senhor”, em todo o seu império, e declarou delito capital o recusar a adoração. A lenda o considerou como um Nero redivivo (13,3). A maioria dos comentaristas se inclina por essa data. <sup>(61)</sup> (grifo nosso)

---

60 Bíblia de Jerusalém, p. 2316.

61 Bíblia do Peregrino, p. 2940.

Na ***Bíblia Sagrada Ave-Maria***, explica-nos:

*Seiscentos e sessenta e seis*; ou 616. Temos aí provavelmente um meio discreto para designar aos cristãos da Ásia, familiarizados com esses cálculos, um imperador, sem expor-se às acusações de lesa-majestade. Mas hoje temos perdido a chave do enigma; deixando de lado várias divagações, **uma das interpretações mais prováveis desse número é César Nero**, tomado como um tipo dos perseguidores. Demais, três seis sugerem simbolicamente um domínio falho, inferior à perfeição expressa pelo número 7. <sup>(62)</sup> (grifo nosso)

Na ***Bíblia Sagrada Barsa***, em nota de rodapé, relativo ao passo Apocalipse 13,18, lemos:

*Seiscentos e sessenta e seis*: se o significado deste número era de fácil compreensão para os leitores de S. João que tinham elementos para interpretá-lo com segurança, não acontece o mesmo conosco. **A interpretação tida hoje como mais provável é que vê nele a representação do nome Cesar Nero, escrito com letras hebraicas.** A soma dos números correspondentes a essas letras perfaz o total de 666. <sup>(63)</sup> (grifo nosso)

---

62 *Bíblia Sagrada Ave-Maria*, p. 1568.

63 *Bíblia Sagrada Barsa*, NT, p. 234.

As informações dos tradutores convergem para o mesmo ponto, ou seja, que o número da besta se refere ao imperador romano Nero.

Bart D. Ehrman, em ***O Problema com Deus***, argumenta:

Vejamos outra imagem. No capítulo 13, lemos sobre outra besta, uma que se ergue do mar (mais uma vez, lembrem-se da quarta fera de Daniel). E está escrito que ele tem sete chifres e sete cabeças. E tem um enorme poder sobre a terra. Uma de suas cabeças (isto é, um de seus governantes) teria recebido um “golpe mortal” e então se curado. Toda a terra venera a besta, mas ela diz “palavras insolentes e blasfêmias” (lembrem-se do pequeno chifre da fera em Daniel). Mais ainda: ela “faz a guerra contra os santos e os vence”. Se isso soa muito como a besta do capítulo 17, é porque também é Roma. **Mas aqui está escrito que a besta tem “o número de uma pessoa”, e que esse número – a marca da besta – é 666.**

Quem é esse Anticristo cujo número é 666? Ao longo dos anos, **as pessoas se saíram com todos os tipos de especulações** sobre o que poderia ser. **Nos anos 1940, costumava-se acreditar que se referia a Hitler ou a Mussolini.** Quando eu estava na faculdade, livros foram escritos para mostrar que **era Henry Kissinger, ou o papa.** Recentemente as pessoas escreveram outros livros alegando que **era Saddam Hussein** ou alguma outra figura

famosa em nossa época.

Um leitor antigo inteligente não teria dificuldade de saber a quem o número faz referência. Linguagens antigas como o grego e o hebraico usavam letras do alfabeto para os números (nos, por outro lado, usamos letras romanas, mas números arábicos). A primeira letra era “um”, a segunda “dois”, e assim por diante. **O autor do Apocalipse está indicando que se você pegar as letras do nome dessa pessoa, elas somarão 666.** Em dado nível isso é muito simbólico. O número perfeito, claro, o número de Deus é sete. Um menos sete é seis; este é o número de um “humano”. O triplo seis é alguém distante da perfeição de Deus: é um número que simboliza o que está mais distante de Deus. Mas quem é?

**Se a besta do capítulo 17 com sete cabeças e dez chifres é Roma, é provável que esta besta do capítulo 13 também seja.** Este é o grande inimigo dos santos. Quem em Roma era considerado o grande inimigo dos cristãos? O primeiro imperador a perseguir os cristãos foi César Nero. Por acaso, corria por todo o império romano o boato de que Nero iria retornar dos mortos para devastar o mundo ainda mais do que tinha feito quando vivo da primeira vez. Soa como alguém que recebeu “um golpe mortal” mas se recuperou, como é dito desta besta. Mas o mais impressionante é o próprio número da besta. **Quando você soletra o nome César Nero em letras hebraicas e as**

**soma, elas totalizam 666.** <sup>(64)</sup> (grifo nosso)

Em Ehrman vemos a confirmação de que o número 666, de fato, se refere ao imperador Nero.

Em ***História do cristianismo: das origens a Justiniano***, Ambrogio Donini (1903-1991), historiador italiano, foi catedrático de história das religiões na Universidade de Bari e livre docente da mesma cadeira na Universidade de Roma, nos fornece a seguinte explicação:

A lenda de Nero, na literatura cristã mais antiga, tomou, de resto, outra direção.

**É possível que a figura deste imperador se esconda por detrás do misterioso número 666** (616, segundo Ireneu) do *Apocalipse*, que “não é número de besta, mas de homem” (XIII,18): **o 666 poderia representar o valor numérico das letras do alfabeto hebraico que compõem o nome de “Nero César”**. Graças a esta regra mágico-talmúdica, chamada *ghematria*, ou geometria mística, pode-se dizer com os números tudo o que se quer. Seguindo outros critérios, e usando o alfabeto grego ou latino em lugar do hebraico, **o número da besta apocalíptica foi de quando em quando interpretado como Tito (Teitan), Domiciano, Úlpio (Trajano) e até Latino (Latéinos), no**

---

64 EHRMAN, *O problema com Deus*, p. 222.

**raiar do século III, por Hipólito romano**, que adverte, no entanto, que o mistério “só será desvendado no fim dos tempos”.

Trata-se de um jogo que atraiu a fantasia de muitos intérpretes de todos os tempos: mais tarde, o 666 será lido como Genseric, e **na Idade Média tornar-se-á alternadamente o símbolo de reis ou de papas, consoante cada momento histórico.** <sup>(65)</sup>

Donini é outro que corrobora o que os tradutores disseram, e, além disso, diz de sua generalização para se tornar “alternadamente o símbolo de reis ou de papas, consoante cada momento histórico”. Essa linha tortuosa de interpretação, realmente, aconteceu, e infelizmente até entre nós, os espíritas.

Em **A Bíblia estava certa**, temos a sua aplicação ao imperador romano Domiciano (51-96 d.C.), no momento em que Schonfield fala algo a respeito:

Informa-nos o Patriarca da Igreja, Irineu, no Segundo Século, que as visões da *Revelação* se produziram “já para o fim do reinado de Domiciano”, aquele imperador que empreendeu uma grande perseguição aos cristãos e insistia por que se o tratasse pessoalmente por “Senhor nosso e nosso Deus”.

---

65 DONINI, *História do cristianismo: das origens a Justiniano*, p. 272-273.

Domiciano foi assassinado no mês de setembro do ano de 96 D.C., quando começava o décimo quinto do seu reinado. Seria de esperar que o carimbo mencionado naquela *Revelação* pudesse, por conseguinte, referir-se ao ano décimo quarto desse governo.

Tal carimbo, sinal, (ou marca em suma), dizia em grego ID KAISAROS (14º ano do Imperador). Atribuindo a cada letra o seu valor numérico, então convencional, temos:

$$10+4+20+1+10+200+1+100+70+200$$

O total dos valores numéricos das dez letras é: 616.

Tudo está a indicar achar-se aí, finalmente, a verdadeira solução ao quebra-cabeças relativo ao “número da Besta”. (66)

Pelo menos, aqui se atribui a um personagem daquela época e também ligado ao domínio romano.

Em *Interpretação Sintética do Apocalipse*, por exemplo, o autor Cairbar Schutel (1868-1928) tece as seguintes considerações:

[...] passemos a esquadriñar, com ESPÍRITO de sabedoria, o número 666, que é portador de grandes revelações.

Sendo ROMA a única cidade no mundo

---

66 SCHONFIELD, *A Bíblia estava certa: novas luzes sobre o Novo Testamento*, p. 318.

assentada sobre sete montes, e afirmando o anjo que “as sete cabeças são os sete montes sobre que está sentada a mulher”, (67) vamos a ver se ela tem o número fatídico, visto pelo profeta.

ROMA, em hebraico, é ROMIITH. Se aproveitarmos as letras algarismos, usadas em hebraico, e as somarmos, verificaremos que coincidem, exatamente, com a vidência do apóstolo.

Assim:

R O M I I T H

$$200 + 6 + 40 + 10 + 10 + 400 = 666$$

**Mas S. João acrescenta que o número da BESTA é número de um homem** (68).

Ora, ninguém ignora que o PAPA se intitula: VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS: VICARIVS FILII DEI; DVX CLERI, (que significam: Vigário Geral de Deus na Terra; Vigário do Filho de Deus, Príncipe Chefe do Clero).

Aproveitando, em cada um desses títulos as letras que têm valor como algarismos romanos (desprezadas as mais), temos, do primeiro:

V I C I V L I D I I I

$$5 + 1 + 100 + 1 + 5 + 50 + 1 + 500 + 1 + 1 + 1 = 666$$

Do segundo:

---

67 N.T.: Apocalipse, XVII, 9 e 10.

68 N.T.: Apocalipse, XIII,18.

V I C I V I L I I D I  
 5 + 1 + 100 + 1 + 5 + 1 + 50 + 1 + 1 + 500 + 1 =  
 666

Do terceiro:

D V X C L I  
 500 + 5 + 10 + 100 + 50 + 1 = 666

Também ninguém ignora que o idioma que a Igreja de Roma usa, em todos os seus atos oficiais, é o latino, e S. Irineu, discípulo de Policarpo, lembra o nome grego LATEINOS, isto é, latino, como satisfazendo plenamente a interpretação do enigma 666, proposto por S. João.

L A T E I N O S  
 30 + 1 + 300 + 5 + 10 + 50 + 70 + 200 = 666

E já que analisamos o alfabeto grego para a interpretação da numeração apocalíptica, não nos esqueçamos de que TEITAN (grego) significa SATANÁS, e a soma das letras daquela palavra dá 666.

T E I T A N  
 300 + 5 + 10 + 300 + 1 + 50 = 666

Satanás é uma expressão bíblica, que longe de intitular um ente eternamente devotado ao mal, quer dizer adversário, inimigo do Bem, da Verdade.

Que o Catolicismo, com os seus dogmas, cultos e mistérios, é o Teitan (adversário) do Cristianismo, ninguém ousará negar. E como a

soma dos números-letras do Papado dá o mesmo produto, ou representa a mesma coisa que os de TEITAN...

É interessante, ainda, a coincidência que se dá com a palavra ROMA, cujas letras estão colocadas em sentido inverso da palavra AMOR.

Queria o “destino”, em sua sábia previdência, demonstrar que ROMA, apesar de se inculcar DIVINA, seria o inverso, a antítese da Divindade? <sup>(69)</sup> (grifo nosso)

Lamentavelmente, a nosso ver, Cairbar Schutel estabeleceu uma ligação do número da besta ao papa, o representante da Igreja de Roma, contrariamente ao que vimos, já que ele se refere a Nero.

No livro ***A Caminho da Luz*** <sup>(70)</sup>, psicografia de Chico Xavier (1910-2002), no capítulo XIV - A Edificação Cristã, Emmanuel, o seu autor espiritual, no tópico intitulado “O Apocalipse de João”, tece as seguintes considerações:

O Divino Mestre chama aos Espaços o

---

69 SCHUTEL, *Interpretação sintética do Apocalipse*, p. 60-63.

70 Obra psicografada de 17/08 a 21/09 de 1938, portanto, antes da descoberta dos **manuscritos do Mar Morto** (fim década de 1940 e durante a década de 1950), dos **textos gnósticos do cristianismo primitivo em Nag Hammadi** (1945) e da fundação do **Jesus Seminar** (1985), três eventos importantes que mudaram substancialmente o conhecimento teológico a respeito dos textos bíblicos.

**Espírito João**, que ainda se encontrava preso nos liames da Terra, e **o Apóstolo**, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica do invisível.

Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra, e **o velho Apóstolo de Patmos** transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalipse.

**Todos os fatos posteriores à existência de João estão ali previstos.** É verdade que frequentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pôde copiar fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interesse para a história da Humanidade. **As guerras, as nações futuras, os tormentos porvindouros, o comercialismo, as lutas ideológicas da civilização ocidental, estão ali pormenorizadamente entrevistados.** E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é **bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos.** <sup>(71)</sup>  
(grifo nosso)

Aqui temos três pontos que merecem destaque. O primeiro é o fato de o autor espiritual insinuar que o Apocalipse foi escrito por João Evangelista, que, como

---

71 XAVIER, *A Caminho da Luz*, p. 327.

visto, não é a opinião de alguns tradutores, de pesquisadores e de estudiosos. O segundo é de se ter o teor da obra como previsão de fatos para um futuro longínquo, fugindo à característica desse tipo de narrativa. E o terceiro foi dizer que a Igreja, no caso a Católica, simboliza a besta.

Em “Identificação da besta apocalíptica”, o tópico seguinte dessa obra, detalha a opinião pessoal do autor; nele encontramos o seguinte:

**Reza o Apocalipse que a besta poderia dizer grandezas e blasfêmias por 42 meses, acrescentando que o seu número era o 666** (Apoc. XIII, 5 e 18). Examinando-se a importância dos símbolos naquela época e seguindo o rumo certo das interpretações, podemos tomar cada mês como sendo de 30 anos, em vez de 30 dias, obtendo, desse modo, um período de 1260 anos comuns, justamente o período compreendido entre 610 e 1870, da nossa era, quando o Papado se consolidava, após o seu surgimento, com o imperador Focas, em 607, e o decreto da infalibilidade papal com Pio IX, em 1870, que assinalou a decadência e a ausência de autoridade do Vaticano, em face da evolução científica, filosófica e religiosa da Humanidade.

**Quanto ao número 666**, sem nos referirmos às interpretações com os números gregos, em seus valores, devemos recorrer aos algarismos

romanos, em sua significação, por serem mais divulgados e conhecidos, explicando que **é o Sumo-Pontífice da igreja romana quem usa os títulos** de “VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS”, “VICARIVS FILII DEI” e “DVX CLERI” que significam “Vigário-Geral de Deus na Terra”, “Vigário do Filho de Deus” e “Príncipe do Clero”. Bastará ao estudioso um pequeno jogo de paciência, **somando os algarismos romanos encontrados em cada título papal a fim de encontrar a mesma equação de 666, em cada um deles.**

**Vê-se, pois, que o Apocalipse de João tem singular importância para os destinos da Humanidade terrestre. (72) (grifo nosso)**

Relacionar os títulos do Papa ao número 666, é algo bem estranho vindo de Emmanuel. Em nossa modesta opinião, ainda que fosse, teria sido bem melhor que o mentor de Chico Xavier tivesse se calado, pois, ao dizer isso, atinge em cheio tanto a instituição Igreja Católica como a seus representantes, aos quais devemos respeito.

Ademais, em sua colocação, Emmanuel foi tão genérico que está atribuindo a todos os Papas católicos a conotação negativa que sabemos carregar o número 666. Lamentável!

Mas não vemos só Emmanuel como responsável

---

72 CHICO XAVIER, *A Caminho da Luz*, p. 128-129.

por essa gafe. Distribuímos a corresponsabilidade a mais dois envolvidos; ao próprio Chico Xavier que não deveria ter liberado essa página para publicação e à “Casa-Máter” do Espiritismo no Brasil, por não ter sugerido a retirada o capítulo da mencionada obra.

## Conclusão

Outro questionamento nosso era sobre como pessoas iletradas iriam também escrever e ler em grego. Por outro lado, não faz nenhum sentido que alguém escreva uma revelação para um povo se esse não souber do que ele está falando. Portanto, tudo quanto está no Apocalipse tem de ser entendido.

Julgamos que seria interessante termos um mínimo de ideia do nível de alfabetização àquela época. Em ***Quem escreveu a Bíblia? Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são***, no tópico “Simão Pedro, a antiga palestina e a alfabetização”, lemos:

O estudo mais completo, mais extensamente pesquisado e mais amplamente influente sobre a alfabetização na Palestina na época do Império Romano é o de Catherine Hezser <sup>(73)</sup>. Após estudar todas as evidências, **Hezser conclui que, na Palestina romana, a melhor estimativa é que algo em torno de 3% da população fosse capaz de ler, e que a maioria desses viveria em cidades e vilas maiores.** A maior parte das pessoas fora das áreas urbanas dificilmente teria visto, algum dia, um texto escrito. **Algumas cidades menores e aldeias poderiam ter um índice de**

---

73 N.T.: Catherine Nezszer, *Literacy in Roman Palestine* (Tubingen: Mohr Siebeck, 2001).

**alfabetização em torno de 1%. Ademais, essas pessoas alfabetizadas eram quase sempre a elite das classes superiores. Aqueles que aprendiam a ler liam hebraico, não grego.**

E ainda por cima, de novo, muito mais pessoas podiam ler em vez de escrever. **As pessoas que sabiam escrever eram principalmente homens do sacerdócio. Durante todo o século I d.C. (a época de Jesus e Simão Pedro), temos certeza de apenas dois autores na Palestina que produziram obras literárias** (isto é, composições cultas que não documentos fiscais, transferências de terras ou certidões de casamento etc.): o historiador judeu Josefo e um homem chamado Justo de Tiberíades. Ainda temos os escritos de Josefo, mas os de Justo não sobreviveram. Os dois homens eram dos escalões superiores da sociedade, e ambos atipicamente bem-educados. Não temos conhecimento de qualquer outro autor literário ao longo de todo o século. Seria Pedro da mesma classe de Josefo e Justo? Não, nem de longe.

**E quanto à educação em grego** na terra em que Pedro nasceu e foi criado? Algumas vezes se imagina que, como a Galileia, a região norte do que hoje chamamos de Israel foi eventualmente chamada de “Galileia dos gentios”, ela era repleta de gentios na época de Jesus e Pedro. E, segundo um tipo comum de lógica, se havia muitos gentios na Galileia,

deviam falar grego; em nome da convivência, todos tinham de falar grego. Mas isso também não é verdade. <sup>(74)</sup> (grifo nosso)

Isso dito de Pedro, cabe muito bem a João Evangelista, pois “Segundo Atos 4,13, Pedro e seu companheiro João, também pescador, eram *agrammatoi*, uma palavra grega que significa literalmente ‘iletrados’, ou seja, ‘analfabetos’”. <sup>(75)</sup>

Pode-se até dizer que João, seja ele quem for, tenha psicografado o texto do Apocalipse, isso é uma hipótese, que dentro da ótica espírita é viável; porém, quem defender essa ideia caberá apresentar as provas disso.

A bem da verdade, caso seja uma psicografia, nem se poderia dizer que o texto foi “ditado”, uma vez que João era iletrado, portanto, a hipótese viável para esse possível fenômeno mediúnicos, seria o da incorporação, no sentido bem literal desse termo.

Ehrman, falando sobre os apocalipses cristãos:

[...] Paulo (juntamente com outros apóstolos)  
**ensinava que Jesus estava perto de voltar**

---

74 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia? Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, p. 78-79.

75 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia? Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, p. 80-81.

**dos céus para fazer o julgamento da Terra.** O fim iminente de todas as coisas era uma fonte de fascinação constante para os primeiros cristãos, que **de modo geral esperavam que Deus logo interviria nos assuntos do mundo para destruir as forças do mal e estabelecer seu reino**, com Jesus à frente, aqui na Terra. [...]. <sup>(76)</sup> (grifo nosso)

**Esses apocalípticos sustentavam que os que estavam sofrendo precisavam aguentar só um pouco mais, pois Deus logo os defenderia e lhes daria uma recompensa eterna em seu Reino.** <sup>(77)</sup> (grifo nosso)

Jesus também fez uma pregação tipo “fim do mundo”:

Mateus 24,29-35: ***Logo após a tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade até a outra extremidade do céu. Aprendei da figueira esta parábola: quando o seu***

---

76 EHRMAN, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê?*, p. 35.

77 EHRMAN, B. D. *Evangelhos Perdidos*, p. 128-129.

*ramo se torna tenro e as suas folhas começam a brotar, sabeis que o verão está próximo. Da mesma forma também vós, quando virdes todas essas coisas, sabei que ele está próximo, às portas. **Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo isso aconteça.** Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão.” (grifo nosso)*

A geração a qual falava passou e nada do que disse ali aconteceu. Se a ideia corrente é que estavam no “fim dos tempos” (78), aí mesmo é que não faz sentido algum fazer uma profecia para o futuro.

Não é tarefa difícil comprovar que, àquela época, as pessoas tinham como sendo o “fim dos tempos”. Entenda-se, “fim do mundo”, especialmente, quando lemos esta explicação de Paulo:

*“Eis o que declaramos a vocês, baseando-nos na palavra do Senhor: nós, que ainda estaremos vivos por ocasião da vinda do Senhor, não teremos nenhuma vantagem sobre aqueles que já tiverem morrido. De fato, a uma ordem, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, o próprio Senhor descerá do céu. Então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; **depois nós, os vivos, que estivermos ainda na terra, seremos arrebatados junto com eles para as nuvens, ao encontro do Senhor nos ares. E então estaremos***

---

78 Em: I Pedro 4,7: “está próximo o fim” e Apocalipse 1,3; 22,10: “próximo está o tempo.”

*para sempre com o Senhor.”* (1 Tessalonicenses 4,15-17) (grifo nosso)

O pensamento de Paulo é claro, ele julgava que já viviam no “fim dos tempos” e, diante disso, os vivos não morreriam, mas seriam arrebatados, indo de corpo e alma para o “Céu”.

Sabemos que o nosso estudo não agrada a muitos, quiçá seremos, mais uma vez, tachados de pessoa que só quer denegrir a Chico e a Emmanuel, seu guia, especialmente, por aqueles que transformaram cada um dele em *personas* infalíveis. Não estranharemos se algum desses vier apresentar ao Papa Francisco um solene pedido para canonizá-los.

Não se vê nenhum ponto de doutrina que possa nos permitir ter atitudes como essa de endeusamento de médiuns e Espíritos, trata-se, provavelmente, de atavismo religioso desses confrades.

Temos sempre dito que empreenderemos todos os esforços para, fielmente, seguir a seguinte orientação de Kardec:

Na dúvida, abstém-te, diz um de vossos antigos provérbios; não admitais, pois, senão o que vos é de uma evidência certa. Desde que uma opinião nova surge, por pouco que ela vos pareça duvidosa, passai-a pelo crivo da razão e

da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeitai-o ousadamente; **mais vale repelir dez verdades, do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa.** Com efeito, sobre essa teoria, poderíeis edificar todo um sistema que desabaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre uma areia movediça; ao passo que, se rejeitais hoje certas verdades, porque elas não vos são demonstradas lógica e claramente, logo um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável, virá vos afirmar a sua autenticidade. <sup>(79)</sup> (grifo nosso)

Preferimos “pecar” por excesso de bom senso, do que por falta dele.

---

79 KARDEC. *Revista Espírita* 1861, p. 242.

## Referências bibliográficas

- Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas. 3ª impressão, 1987.
- Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus. Ed. Brasileira, 2002.
- Bíblia Sagrada Ave-Maria. São Paulo: Ed. Ave-Maria. 68ª ed., 1989.
- Bíblia Sagrada Barsa. Rio de Janeiro: Catholic Press, Edição Barsa, 1965.
- Bíblia Sagrada Paulinas. São Paulo: Edições Paulinas, 37ª ed., 1980.
- Bíblia Sagrada Vozes. Petrópolis: Ed. Vozes. 8ª ed., 1989.
- DONINI, A. *História do cristianismo: das origens a Justiniano*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.
- EHRMAN, B. D. *Como Jesus se tornou Deus*. São Paulo: LeYa, 2014.
- EHRMAN, B. D. *Evangelhos Perdidos*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- EHRMAN, B. D. *História da Bíblia: a origem do Cânon do Novo Testamento*. Arquivo PDF, 2014.
- EHRMAN, B. D. *O problema com Deus*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- EHRMAN, B. D. *Quem escreveu a Bíblia: Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*. Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- EHRMAN, B. D. *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da bíblia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- GALVES, N. *Até sempre, Chico Xavier!* São Paulo: CEU, 2011.
- HARPUR, T. *O Cristo dos Pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- HARPUR, T. *Transformando Água em Vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os evangelhos*. São Paulo: Pensamento, 2010.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

- KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP: IDE, 1993.
- RODRÍGUEZ, P. *Mentiras fundamentais da Igreja Católica como Bíblia foi manipulada*. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- SCHONFIELD, H. J. *A Bíblia estava certa: novas luzes sobre o Novo Testamento*. São Paulo: Ibrasa, 1980.
- SCHUTEL, C. *Interpretação Sintética do Apocalipse*. Matão, SP: O Clarim, 1985.
- SOUZA, J. P. *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.
- VERMES, G. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- WIKIPÉDIA, *Crítica Bíblica*, disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%Adtica\\_b%C3%Adbblica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%Adtica_b%C3%Adbblica).  
 Acesso em 15 dez. 2017.
- NETO SOBRINHO, *Jonas e a baleia*, disponível em:  
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/5-assuntos-bblicos/97-jonas-e-a-baleia0>. Acesso em: 28 dez. 2017.
- NETO SOBRINHO, P. S. *Os títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, disponível em:  
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/5-assuntos-bblicos/10-os-nomes-dos-ttulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0>. Acesso em 19 dez. 2017.
- NETO SOBRINHO, P. S, *Será que os profetas previram a vinda de Jesus*, <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/7-livros-textos/201-ser-que-os-profetas-previram-a-vinda-de-jesus-v110>. Acesso em 19 dez. 2017.
- Imagem: [http://4.bp.blogspot.com/-RbHQInONeek/T9PPYs\\_MYVI/AAAAAAAAAgs/GpS8FAkYHtU/s1600/apostolo\\_joao\\_em\\_patmos.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-RbHQInONeek/T9PPYs_MYVI/AAAAAAAAAgs/GpS8FAkYHtU/s1600/apostolo_joao_em_patmos.jpg) Acesso em 19 dez. 2017.

Artigo publicado:

- revista ***Espiritismo & Ciência Especial***, nº 99. São Paulo: Mythos Editora, jul/2018, p. 52-66, parte I.
- revista ***Espiritismo & Ciência Especial***, nº 100. São Paulo: Mythos Editora, ago/2018, p. 56-66, parte II.
- revista ***Espiritismo & Ciência Especial***, nº 101. São Paulo: Mythos Editora, out/2018, p. 54-66, última parte.



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87. Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net) e alguns outros sites Espíritas na Web, entre eles:

- **O Portal do Espírito:**

<http://www.portalespirito.com/paulosns/paulosns.htm>

- **GEEC:**

<http://www.geec.org.br/porta/index.php/articulas/paulo-neto-estudos-espiritas-e-biblicos>

- **Era do Espírito:**

[http://www.aeradoespirito.net/ArtigosPN/INDICE\\_ArtigosPN.html](http://www.aeradoespirito.net/ArtigosPN/INDICE_ArtigosPN.html)

*Autor dos livros: a) impressos: 1) A Bíblia à Moda da Casa, 2) Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana? 3) Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas, 4) Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica, 5) As Colônias Espirituais e a Codificação e 6) Kardec & Chico: dois missionários; b) Ebook: 1) Racismo em Kardec?, 2) A Reencarnação tá na Bíblia, 3) Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem), 4) Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso, e 5) Chico Xavier, verdadeiramente uma alma feminina.*

Belo Horizonte, MG.

e-mail: [paulosnetos@gmail.com](mailto:paulosnetos@gmail.com)

Tel.: (31) 3296-8716